



# Enfermagem

## 16. AÇÕES DE ENFERMAGEM AO PACIENTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

TATIANE NONATO DA SILVA PEREIRA  
CLAUDYA CRISTINA BASILIO DA SILVA  
SÁTILA ADRIELY MOREIRA CABRAL

### RESUMO

**Objetivo:** O objetivo desse estudo é investigar e destacar o papel fundamental do enfermeiro na prestação de cuidados aos pacientes com transtorno do espectro autista. **Método:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura. **Resultados:** O trabalho dos enfermeiros emerge como uma base fundamental para o cuidado integral ao paciente com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Como profissionais de saúde que frequentemente têm o primeiro contato com os pacientes, os enfermeiros têm a oportunidade de observar sinais e comportamentos sugestivos de TEA durante as consultas. No cuidado ao paciente com TEA, os enfermeiros têm um papel importante na aplicação de estratégias para ajudar no desenvolvimento e na qualidade de vida dessas pessoas. Os enfermeiros enfrentam desafios significativos ao lidar com pacientes com transtorno do espectro autista devido à falta de capacitação específica nessa área. Diante disso, a importância da educação continuada em saúde para os enfermeiros é indiscutível. **Conclusão:** A assistência completa ao paciente com transtorno do espectro autista requer uma abordagem que leve em conta todos os aspectos do seu bem-estar, na qual os enfermeiros desempenham um papel central. Desde a identificação precoce dos sinais de TEA até a implementação de intervenções, sua contribuição na coordenação de cuidados entre diferentes áreas é fundamental. Portanto, é de suma importância que os enfermeiros recebam formação sobre o TEA desde o início de sua educação e que continuem a se atualizar através da educação permanente em saúde. Isso os capacitará para fornecer cuidados eficientes e empáticos às crianças com TEA e suas famílias.

**Descritores:** Transtorno do Espectro Autista, TEA, Ações de enfermagem, Contribuição, Dificuldades.

### ABSTRACT

**Objective:** The objective of this study is to investigate and highlight the fundamental role of nurses in providing care to patients with autism spectrum disorder. **Method:** This is an integrative literature review. **Results:** The work of nurses emerges as a fundamental basis for comprehensive care for patients with autism spectrum disorder (ASD). As healthcare professionals who often have first contact with patients, nurses could observe signs and behaviors suggestive of ASD during consultations. In caring for patients with ASD, nurses have an important role in applying strategies to help with the development and quality of life of these people. Nurses face significant challenges when dealing with patients with autism spectrum disorder due to a lack of specific training in this area. Given this, the importance of continuing health education for nurses is indisputable. **Conclusion:** Complete care for patients with autism spectrum disorder requires an approach that considers all aspects of their well-being, in which nurses play a central role. From early identification of signs of ASD to implementing interventions, your contribution to coordinating care between different areas is fundamental. Therefore, it is extremely important that nurses receive training on ASD from the beginning of their education and that they continue to update themselves through ongoing health education. This will enable them to provide efficient and empathetic care to children with ASD and their families.

**Descriptors:** Autism Spectrum Disorder, ASD, Nursing actions, Contribution, Difficulties.

## INTRODUÇÃO

O transtorno do espectro autista (TEA) é uma condição de desenvolvimento que se destaca pela notável dificuldade em interações sociais e comunicação. Quem vive com TEA pode exibir interesses restritos, adotar padrões de comportamento repetitivos ou estereotipados, encontrar dificuldade em compreender conceitos abstratos e experimentar mudanças na forma como percebem e processam estímulos sensoriais. Essa complexidade de sintomas reflete a natureza diversa e única do TEA em cada indivíduo.<sup>1</sup>

Dessa forma, o transtorno do espectro autista é classificado em três níveis distintos de gravidade, conforme definido pela *American Psychiatric Association* (APA) em 2014. Esses níveis são identificados como: nível 1 (leve), indicando a necessidade de apoio; nível 2 (moderado), caracterizado pela exigência de apoio substancial; e nível 3 (severo), que requer um suporte considerável e contínuo. Cada um desses níveis representa o grau de assistência necessário para que a pessoa possa realizar suas atividades diárias e desenvolver suas habilidades de maneira adequada. Essa categorização ajuda a orientar o planejamento e a prestação de cuidados específicos para cada indivíduo com TEA, levando em consideração suas necessidades e capacidades únicas.<sup>2</sup>

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), atualmente, cerca de uma em cada 160 crianças em todo o globo recebe o diagnóstico de transtorno do espectro autista. Nas últimas décadas, observou-se um aumento significativo no número de diagnósticos de autismo, porém, observa-se uma carência significativa de estudos que abordem a epidemiologia e a sociodemografia do autismo no cenário brasileiro, o que evidencia uma lacuna importante na pesquisa sobre o tema, apresentando uma escassez de estudos epidemiológicos no Brasil. Dessa forma, os dados epidemiológicos aqui citados têm como base estudos realizados em algumas regiões do país. Por exemplo, um estudo conduzido em 2015 com 1.715 estudantes nas capitais Goiânia, Fortaleza, Belo Horizonte e Manaus revelou uma taxa de 1% de possíveis casos de TEA.

Outra pesquisa realizada em 2022, envolvendo 234 crianças diagnosticadas com TEA, destacou que a maioria dessas crianças é do sexo masculino (84,5%), porém, com a manifestação de níveis severos do transtorno sendo mais prevalente no sexo feminino. Este último estudo também evidenciou um crescente reconhecimento de que as meninas estão mais suscetíveis a apresentar sintomas mais graves de autismo. Paralelamente, segundo os dados do Ministério da Saúde (MS) referentes a 2021, baseados no Sistema de Informações Ambulatoriais (SIA), o Brasil registrou um número expressivo de consultas em ambulatórios

para atendimento de pessoas com autismo, totalizando 9,6 milhões de atendimentos. 3-4

Destaca-se que uma parcela significativa desse total, equivalente a 4,1 milhões de consultas, foi destinada ao público infantil, incluindo crianças de até 9 anos de idade. Esses números refletem a importância crescente dada ao diagnóstico e tratamento do TEA no país, embora evidenciem a necessidade contínua de aprofundamento dos estudos e coleta de dados epidemiológicos para uma compreensão mais abrangente e precisa do cenário do autismo no Brasil.3-4

O termo "autismo" foi inicialmente introduzido em 1911 por Bleuler, renomado psiquiatra suíço. Desde então, a caracterização desse transtorno evoluiu significativamente ao longo das diferentes edições do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM). No DSM I, o autismo era considerado um sintoma da "Reação Esquizofrênica, tipo infantil". Posteriormente, no DSM IV, foi oficialmente reconhecido como um Distúrbio Autista. Finalmente, no DSM V, foi incorporado como Transtorno do Espectro Autista (TEA), abrangendo uma variedade de condições que anteriormente eram tratadas separadamente. Essa evolução nos conceitos e na terminologia reflete uma compreensão mais aprofundada do espectro autista e suas nuances, contribuindo para uma abordagem mais ampla e inclusiva no diagnóstico e tratamento do TEA.5

Assim sendo, o TEA é uma condição complexa cuja etiologia é multifacetada. Acredita-se que diversos fatores ambientais desempenhem um papel crucial no desenvolvimento do TEA, tais como infecções durante a gestação ou a exposição a certos medicamentos. No entanto, estudos sugerem que a herança genética desempenha um papel significativo na patogênese da doença, sendo estimado que entre 50 a 90% dos casos possuem uma base genética. Essa constatação ressalta a importância dos fatores genéticos na origem do TEA, destacando a complexidade envolvida na compreensão das suas causas e na busca por estratégias eficazes de intervenção e tratamento.6

O diagnóstico é baseado na avaliação clínica, que inclui observação do comportamento do indivíduo e conversas com os pais. Em determinados casos fazem necessário que esse acompanhamento clínico seja realizado com o apoio de outros profissionais, como fonoaudiólogos, psicólogos, pedagogos e enfermeiros. Durante a avaliação comportamental, o profissional monitora o progresso do desenvolvimento infantil, verificando se ela está adquirindo as habilidades fundamentais relacionadas à comunicação verbal, expressão corporal e interação social. Qualquer atraso nessas áreas pode indicar um possível problema de desenvolvimento.2

Dessa maneira, o diagnóstico do TEA ainda é predominantemente conduzido através

da observação de comportamentos clínicos, apesar dos avanços substanciais no entendimento neurobiológico e genético da condição. Essa dependência na avaliação comportamental torna desafiador estabelecer taxas precisas de prevalência, dada a complexidade e variedade do transtorno, o que demanda consistência na avaliação clínica. Embora os sinais do transtorno geralmente se tornem evidentes entre 12 e 24 meses de vida, o diagnóstico formalmente confirmado muitas vezes só ocorre aos 4 ou 5 anos de idade. Salienta-se unanimidade nos estudos quanto à necessidade de diagnóstico precoce para melhorar a qualidade de vida dos pacientes. 7,8

No caso de adultos, a identificação e expressão dos sintomas relacionados ao transtorno do espectro autista podem ser menos evidentes, muitas vezes se confundindo com outras condições que coexistem, como ansiedade em contextos sociais, padrões de pensamentos obsessivos e comportamentos compulsivos, e uma combinação de sintomas de esquizofrenia e transtorno de humor. Estudos epidemiológicos indicam que a incidência do TEA na população adulta é relativamente menor do que aquela observada em crianças.7,8

O tratamento do transtorno do espectro autista é uma área que demanda práticas embasadas em evidências científicas. Esse tratamento pode ser realizada de forma farmacológica e/ou não farmacológica. Diante disso, a terapia é direcionada a melhorar os comportamentos e habilidades, buscando expandir o repertório comportamental para equilibrar a propensão ao isolamento durante o processo de aprendizado. É possível explorar outras abordagens terapêuticas, como a expressão não verbal e atividades artísticas, especialmente para aqueles com dificuldades no desenvolvimento da linguagem. Além disso, a aplicação de terapias comportamentais cognitivas é recomendada para lidar com questões como ansiedade e agressividade, respeitando também a consideração de terapias alternativas conforme desejado pela família. A inclusão de tratamentos medicamentosos específicos ou para comorbidades pode ser vantajosa, contribuindo para ampliar os resultados das intervenções não farmacológicas e minimizando as complicações associadas ao TEA.8

Dessa forma, o TEA apresenta desafios únicos tanto no diagnóstico quanto no tratamento, demandando uma abordagem multidisciplinar que envolve diversos profissionais de saúde. Nesse contexto, o papel do enfermeiro emerge como um componente indispensável da equipe, especialmente durante as consultas de Crescimento e Desenvolvimento (CD). Nessas interações, sua atenção meticulosa para identificar possíveis atrasos no desenvolvimento e crescimento das crianças revela-se de suma importância. No entanto, a contribuição do enfermeiro vai além da simples identificação dos sintomas. Ao lidar com pacientes já diagnosticados com TEA, ele desempenha um papel educacional essencial,

fornecendo suporte tanto aos pais quanto aos responsáveis. Essa função abrange desde a clarificação do diagnóstico até o oferecimento de orientações práticas sobre estratégias que podem ser implementadas em casa para promover o desenvolvimento cognitivo e motor das crianças. Além disso, por meio de programas educativos e informativos, o enfermeiro auxilia os pais e responsáveis a reconhecerem precocemente os sinais e sintomas que possam indicar a presença do TEA, facilitando um encaminhamento ágil para as intervenções adequadas. Portanto, o trabalho do enfermeiro transcende a mera assistência clínica, abraçando uma abordagem holística que busca não apenas tratar, mas também educar e capacitar.<sup>9</sup>

Diante disso, os objetivos desse estudo são investigar e destacar o papel fundamental do enfermeiro na prestação de cuidados aos pacientes com transtorno do espectro autista, por meio de uma revisão abrangente da literatura atual, observando as funções desempenhadas pelos enfermeiros, incluindo a identificação precoce dos sinais e sintomas do TEA, a implementação de estratégias de intervenção para promover o desenvolvimento cognitivo e motor das crianças com esse transtorno, e o fornecimento de suporte educacional e emocional tanto para os pacientes quanto para seus familiares e cuidadores, pontuando ainda as dificuldades encontradas pelos enfermeiros neste contexto.

## MÉTODO

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, método de investigação que emprega uma abordagem sistemática e abrangente para sintetizar resultados de pesquisas, possibilitando a busca e análise crítica sobre determinado tema, facilitando o entendimento acerca do tópico analisado.<sup>10</sup> A busca por artigos foi conduzida nas bases de dados online: *Scientific Electronic Library* (SciELO), Google Acadêmico e portal do Ministério da Saúde, utilizando descritores específicos relacionados ao TEA e a enfermagem, que foram: "Transtorno do Espectro Autista", "TEA", "ações de enfermagem", "contribuição" e "dificuldades". Este estudo integrativo foi desenvolvido em fases distintas, sendo elas: a formulação da pergunta, pesquisa e escolha dos artigos, análise das contribuições de cada estudo e exposição dos resultados. A elaboração da pergunta principal teve como foco a necessidade de explorar as práticas de enfermagem direcionadas aos pacientes com transtorno do espectro autista. Dessa maneira, a questão norteadora do estudo foi: "quais são as ações de enfermagem empregadas aos pacientes com TEA e sua contribuição para seu bem-estar físico, emocional e social?".

Foram adotados como critérios de inclusão artigos originais, incluindo pesquisas de campo e revisões da literatura, trabalhos de conclusão de curso e monografias publicados entre 2017 e 2024 em língua portuguesa. Artigos que não foram realizados dentro do período estabelecido e aqueles escritos em idiomas estrangeiros foram removidos. O processo de seleção dos artigos ocorreu em duas etapas: inicialmente, por meio da análise de título e resumo, seguida pela leitura na íntegra dos artigos selecionados na primeira etapa.

Os dados dos artigos selecionados foram sintetizados e organizados para abordar as diferentes contribuições das ações de enfermagem no contexto do TEA, incluindo a identificação precoce dos sinais e sintomas, a implementação de estratégias de intervenção para o desenvolvimento das pessoas com TEA, o suporte educacional e emocional oferecido às famílias e cuidadores e a identificação das dificuldades dos profissionais de enfermagem ao interagirem com indivíduos diagnosticados com o transtorno, ressaltando a relevância da aprendizagem contínua.

Dessa maneira, os resultados obtidos foram analisados para fornecer uma vasta visão das contribuições dos enfermeiros na prestação de cuidados aos pacientes com TEA.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Foram Pré-selecionados 49 artigos com base em seus títulos e resumos. Após a leitura completa, selecionou-se 14 destes para fundamentar a discussão, pois apresentavam ações, estratégias, dificuldades dos enfermeiros diante de pacientes com TEA e a importância da educação continuada do enfermeiro para um atendimento eficaz ao paciente com transtorno do espectro autista. Estes artigos estão apresentados no Quadro 1, ordenados pela ordem de aparecimento dos autores no texto, ano de publicação e contribuição para este estudo.

**Quadro 1. Artigos selecionados para compor a discussão organizados pela ordem de aparecimento dos autores no texto.**

| AUTOR   | ANO  | CONTRIBUIÇÃO   |
|---|------|--|
| <sup>11</sup> Dos Anjos, MDF  | 2019 | Importância da enfermagem ao paciente com transtorno do espectro autista, no apoio à família e proximidade do profissional com o paciente.   |
| <sup>12</sup> Mota MVDS, Mesquita GDC, Da Silva ALA, De Sousa GC            | 2022 | Informações sobre como a enfermagem muitas das vezes é o primeiro contato dos pacientes com TEA, sua atuação na identificação de sinais e sintomas do Transtorno e informações sobre dificuldades que o profissional de enfermagem encontra nessa identificação dos sinais e sintomas precocemente, ocasionado muita das vezes por falta de conhecimento e habilidade. |
| <sup>13</sup> Silva TDC, Santos CVP, Naka KS                                | 2021 | Informações sobre os níveis do autismo e a falta de habilidades dos enfermeiros para lidar com pacientes com TEA.  |
| <sup>14</sup> Pimenta CGDS, Amorim ACDS                                     | 2021 | Níveis do TEA e importância das atividades em grupo para os familiares dos pacientes.  |
| <sup>15</sup> Barbosa DGC, Da Silva LLA, Brandão MLF                        | 2023 | Informações sobre os instrumentos Rastreamento para o Desenvolvimento Infantil (IRDI) e o Modified Checklist for Autism in Toddlers (M-CHAT) para o rastreamento do TEA e importância dos enfermeiros utilizarem esses instrumentos para o auxílio no diagnóstico do TEA.  |
| <sup>16</sup> Feifer GP, De Souza TB, Mesquita LF, Ferreira ARO, Machado MF | 2020 | Importância da utilização do livro Diagnósticos de Enfermagem da Nanda-I pelos enfermeiros para a detecção do TEA, importância da enfermagem na elaboração de estratégias para o desenvolvimento do paciente com TEA e intervenções que podem ser utilizadas.  |
| <sup>17</sup> Santos GF, Ribeiro DR, Neumann ML, Barros BC                  | 2023 | Utilização da caderneta da criança durante as consultas de crescimento e desenvolvimento, informações sobre a anamnese e importância das consultas de CD na detecção do TEA.   |
| <sup>18</sup> Oliveira LFM, Araujo MV, Rodrigues GMDM                       | 2023 | Abordagens personalizadas pela enfermagem no cuidado de crianças com TEA e quais cuidados tomar para o bem-estar desses pacientes  |
| <sup>13</sup> Silva TDC, Santos CVP, Naka KS                                | 2021 | Informações sobre os níveis do autismo e a falta de habilidades dos enfermeiros para lidar com pacientes com TEA.  |
| <sup>14</sup> Pimenta CGDS, Amorim ACDS                                     | 2021 | Níveis do TEA e importância das atividades em grupo para os familiares dos pacientes.  |
| <sup>15</sup> Barbosa DGC, Da Silva LLA, Brandão MLF                        | 2023 | Informações sobre os instrumentos Rastreamento para o Desenvolvimento Infantil (IRDI) e o Modified Checklist for Autism in Toddlers (M-CHAT) para o rastreamento do TEA e importância dos enfermeiros utilizarem esses instrumentos para o auxílio no diagnóstico do TEA.  |
| <sup>16</sup> Feifer GP, De Souza TB, Mesquita LF, Ferreira ARO, Machado MF | 2020 | Importância da utilização do livro Diagnósticos de Enfermagem da Nanda-I pelos enfermeiros para a detecção do TEA, importância da enfermagem na elaboração de estratégias para o desenvolvimento do paciente com TEA e intervenções que podem ser utilizadas.  |
| <sup>17</sup> Santos GF, Ribeiro DR, Neumann ML, Barros BC                  | 2023 | Utilização da caderneta da criança durante as consultas de crescimento e desenvolvimento, informações sobre a anamnese e importância das consultas de CD na detecção do TEA.   |
| <sup>18</sup> Oliveira LFM, Araujo MV, Rodrigues GMDM                       | 2023 | Abordagens personalizadas pela enfermagem no cuidado de crianças com TEA e quais cuidados tomar para o bem-estar desses  |
| <sup>19</sup> Bulhões TMP   | 2022 | Importância das estratégias de enfermagem para os familiares dos pacientes com TEA e abordagens que podem ser utilizadas.  |
| <sup>20</sup> Das Neves THC.  | 2024 | Dificuldades dos enfermeiros ao lidarem com pacientes com TEA.   |
| <sup>21</sup> Oliveira MJA  | 2023 | Importância da preparação dos enfermeiros frente a criança com transtorno do espectro autista, destaque do papel da enfermagem como porta de entrada para crianças com TEA e suas famílias, e importância da capacitação desses profissionais na atenção à saúde.  |
| <sup>22</sup> Silva SAS, Lopes LTB, Alexandri no EDN, Lima DCDM.            | 2021 | Importâncias das capacitações em enfermagem para lidar com pacientes com TEA e importância do uso eficaz da triagem do desenvolvimento infantil encontrado na caderneta da criança.  |
| <sup>23</sup> Santos EMDJ, Melo GS, Macario TKAC, Caldeira AG               | 2023 | Importância do ensino sobre o TEA durante a formação em enfermagem, relevância do oferecimento de palestras e cursos e o que a falta de conhecimento sobre o tema pode acarretar para o indivíduo com TEA.   |
| <sup>24</sup> Carvalho AS, De Sousa MGD, Azevedo FHC                        | 2022 | Importância da educação continuada para os enfermeiros lidarem de forma eficaz frente aos pacientes com transtorno do espectro autista.  |

O trabalho dos enfermeiros emerge como uma base fundamental para o cuidado integral ao paciente com TEA. A sua abordagem holística e compassiva não só garante o bem-estar físico do paciente, mas também desempenha um papel essencial no suporte emocional e na orientação das famílias diante do diagnóstico do TEA. Desde a detecção precoce dos primeiros sinais de alerta até a implementação de estratégias de intervenção, os enfermeiros assumem uma posição ativa na coordenação de cuidados interdisciplinares. Eles facilitam o acesso a serviços especializados e oferecem um suporte contínuo às famílias, guiando-as ao longo do processo de tratamento. A sua proximidade com o paciente proporciona uma compreensão profunda das suas necessidades individuais, permitindo uma adaptação eficaz dos cuidados para atender às particularidades do TEA. Assim, a presença e a atuação dos enfermeiros favorecem a uma maior qualidade de vida para as pessoas com autismo, contribuindo significativamente para a sua inclusão e bem-estar em longo prazo. 11

A identificação precoce do TEA pelos enfermeiros desempenha um papel fundamental na promoção de intervenções eficazes e na melhora dos resultados de saúde das crianças afetadas. Como profissionais de saúde que frequentemente têm o primeiro contato com os pacientes, os enfermeiros têm a oportunidade de observar sinais e comportamentos sugestivos de TEA durante as consultas de enfermagem. Ao conduzir a anamnese e interagir com a criança, os enfermeiros podem identificar indicadores como dificuldades na comunicação, comportamentos repetitivos, rejeição de contato visual e falta de interesse em interações sociais. A capacidade de reconhecer esses sinais precocemente possibilita encaminhamentos adequados para avaliações diagnósticas especializadas e intervenções terapêuticas oportunas. 12

Dessa forma, o enfermeiro desempenha um papel fundamental no cuidado de crianças com TEA e deve estar capacitado para identificar os diferentes níveis de funcionalidade dentro desse espectro. Ao reconhecer nuances como o nível 1, que denota alta funcionalidade, caracterizada por menos impacto no desenvolvimento, na qual o paciente tem dificuldade em iniciar interações sociais e dificuldade na organização; o nível 2, caracterizado por funcionalidade moderada, na qual há dificuldade na fala e padrões de comportamento repetitivos e o nível 3, indicativo de baixa funcionalidade, na qual requer um suporte muito significativo, pois há uma extrema dificuldade em lidar com mudanças e grande dificuldade na comunicação. Assim, o enfermeiro identificando os diferentes níveis, consegue adaptar suas práticas de cuidado de acordo com as necessidades específicas de cada criança. É essencial que este profissional esteja atento às características individuais de cada caso, buscando estabelecer uma relação de confiança e segurança com a criança e sua família, além de

colaborar com a equipe multidisciplinar para garantir um tratamento completo e eficaz ao longo do tempo.<sup>13-14</sup>

As Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista propostas pelo Ministério da Saúde do Brasil em 2014 são fundamentais para orientar profissionais de saúde, incluindo enfermeiros, na abordagem do TEA. Dentro dessas diretrizes, são recomendados instrumentos como o Instrumento de Rastreamento para o Desenvolvimento Infantil (IRDI) e o *Modified Checklist for Autism in Toddlers* (M-CHAT), os quais desempenham um papel crucial na identificação precoce e no acompanhamento do desenvolvimento de crianças com TEA. Enquanto o IRDI avalia o desenvolvimento infantil por meio de indicadores clínicos, o M-CHAT fornece um questionário para análise do comportamento da criança em relação a características associadas ao TEA. A utilização dessas ferramentas pela enfermagem durante a consulta de puericultura não só permite a detecção precoce do transtorno, mas também facilita a implementação de intervenções e suporte adequados.<sup>15</sup>

Nesse contexto, outra ferramenta profissional indispensável para o enfermeiro no diagnóstico precoce de crianças com TEA é o livro 'North American Nursing Diagnosis Association' (NANDA), o qual categoriza e padroniza os diagnósticos de enfermagem ao redor do mundo. Assim, a utilização dos diagnósticos da NANDA pelo profissional de enfermagem complementa sua atuação fundamental no diagnóstico precoce de crianças com TEA. Ao aplicar os diagnósticos NANDA, o enfermeiro pode realizar uma avaliação completa, considerando indicadores específicos do TEA, como dificuldades na comunicação, comportamentos repetitivos e desafios na interação social. Por exemplo, diagnósticos como "Comunicação prejudicada" e "Interação social prejudicada" podem ser utilizados para identificar sinais precoces de TEA, permitindo que o enfermeiro intervenha de forma proativa para encaminhamento e tratamento adequados. Outrossim, o enfermeiro pode adaptar suas abordagens de cuidado com base nos diagnósticos da NANDA, promovendo uma intervenção individualizada e centrada na criança e em sua família.<sup>16</sup>

Além disso, durante as consultas de crescimento e desenvolvimento, é preciso preencher a Caderneta da Criança, que contém dados sobre crescimento, desenvolvimento e vacinação. O enfermeiro deve avaliar regularmente essas informações e compará-las ao longo do tempo. A anamnese inicial busca informações sobre a gestação e parto, identificando possíveis fatores de risco para TEA, e o exame físico é complementar, incluindo avaliação dos sistemas corporais, medidas antropométricas e verificação da caderneta de vacinação. Essas consultas desempenham um papel fundamental no diagnóstico precoce do TEA. Ademais,

para indivíduos já diagnosticados com TEA, as consultas regulares de crescimento e desenvolvimento são fundamentais para monitorar o progresso, adaptar intervenções conforme necessário e fornecer suporte contínuo para as necessidades individuais de cada paciente.<sup>17</sup>

No cuidado ao paciente com TEA, os enfermeiros têm um papel importante na aplicação de estratégias para ajudar no desenvolvimento e na qualidade de vida dessas pessoas. Essas estratégias visam melhorar o bem-estar emocional, social e cognitivo dos pacientes, envolvendo tanto aspectos educacionais quanto terapêuticos. Além disso, as intervenções podem estar relacionadas ao uso de terapias específicas, como a musicoterapia, arteterapia e terapia familiar e em grupo. Como educadores, facilitadores de terapias e coordenadores de cuidados, os enfermeiros têm uma função fundamental na adaptação e execução de planos de intervenção que atendam às necessidades individuais de cada paciente com TEA.<sup>16</sup>

Diante disto, é importante que o profissional de enfermagem adote uma abordagem personalizada no cuidado de crianças com TEA, levando em conta suas necessidades individuais. Os profissionais de saúde devem ajustar o ambiente de cuidado de acordo com as preferências sensoriais da criança, suas rotinas e dificuldades de interação social e comunicação. Isso permite uma participação mais ativa da criança no processo de cuidado, contribuindo para seu bem-estar e desenvolvimento.<sup>18</sup>

Dessa forma, no cuidado de crianças com TEA, é importante que o profissional proporcione um ambiente adaptado para reduzir estímulos sensoriais intensos, como luzes fortes e ruídos altos. Além disso, técnicas de relaxamento podem ser úteis para diminuir a ansiedade e o estresse, criando um ambiente tranquilo para a criança com TEA. A estimulação sensorial, que inclui massagens e brincadeiras táteis, é comum e visa envolver os sentidos da criança. Por último, realizar atividades recreativas como jogos cooperativos e artes visuais é importante para o desenvolvimento de habilidades sociais, cognitivas e motoras. Essas estratégias são essenciais para fornecer um cuidado inclusivo e holístico, adaptado às necessidades específicas desses pacientes.<sup>18</sup>

Para além do cuidado direto ao paciente com TEA, é preciso que o profissional de enfermagem desenvolva estratégias e ofereça suporte aos familiares das crianças com esse transtorno, os quais frequentemente enfrentam uma sobrecarga significativa. Nesse contexto, a equipe de enfermagem assume um papel essencial ao fornecer estratégias específicas para auxiliar esses familiares. Ao integrar interações em grupo como parte desse suporte, os profissionais criam um ambiente onde diferentes personalidades se unem para enfrentar

desafios comuns, compartilhando suas experiências e expressando seus sentimentos. Através da prática de enfermagem, é possível desenvolver intervenções personalizadas, considerando a realidade única de cada indivíduo e sua família. Essas estratégias visam oferecer orientações e cuidados direcionados aos familiares, proporcionando-lhes o conhecimento necessário para lidar com a condição do paciente e ajudando a aliviar tanto o cansaço físico quanto o psicológico. Adicionalmente, a musicoterapia surge como uma ferramenta eficaz na redução de sintomas estressantes, promovendo a estimulação da linguagem, a socialização e a expressão emocional tanto para o paciente quanto para seus familiares.14- 19

Os enfermeiros enfrentam desafios significativos ao lidar com pacientes com transtorno do espectro autista devido à falta de capacitação específica nessa área. A ausência de treinamento especializado pode resultar em dificuldades para compreender as necessidades desses pacientes, o que pode levar a uma prestação de cuidados inadequada. Nos estudos observados, foi evidenciada a dificuldade na realização da triagem e na identificação precoce dos primeiros sinais e sintomas do transtorno, além de não estarem aptos para fornecer orientações adequadas aos pais e desenvolver estratégias de educação e adaptação para a criança autista na sociedade. Isso se deve à falta de conhecimento, habilidade e estratégias para reconhecê-los no desenvolvimento da criança atendida. Portanto, a falta de preparo dos enfermeiros para lidar com pacientes autistas é uma preocupação significativa, pois pode resultar em cuidados inadequados e impactar adversamente os resultados da equipe multidisciplinar.12-13-20

Diante disso, a educação sobre o TEA é essencial para capacitar os enfermeiros, que muitas vezes atuam como a porta de entrada nas Unidades Básicas de Saúde (UBS), a fim de fornecerem cuidados eficazes às crianças com TEA e orientações adequadas à suas famílias. Além da necessidade de possuir um sólido conhecimento teórico, os enfermeiros precisam desenvolver habilidades práticas específicas para identificar precocemente os sinais do TEA e fornecer um suporte adequado desde a primeira interação dos pacientes com o sistema de saúde. 21

Assim, investir em programas de capacitação contínua é fundamental para garantir que os enfermeiros estejam bem-preparados para desempenhar esse papel como ponto inicial de assistência para esses pacientes e seus responsáveis. Pois, estar bem-informado e atualizado sobre o TEA permite que os enfermeiros ofereçam suporte emocional, orientações e cuidados precisos desde o início do processo, contribuindo assim no bem-estar e desenvolvimento do paciente com esse transtorno. Conseqüentemente, o enfermeiro não apenas desempenha um

papel fundamental na promoção da saúde e conforto das crianças com TEA, mas também serve como um elo vital entre elas, suas famílias e os serviços de saúde, promovendo uma abordagem integrada e centrada no paciente.<sup>21</sup>

Dessa forma, é importante que sejam realizadas capacitações sobre os sinais e sintomas do TEA, juntamente com os procedimentos e protocolos apropriados para lidar com essas condições. Os profissionais de saúde, incluindo enfermeiros, devem ser adequadamente treinados no uso eficaz do instrumento de triagem de desenvolvimento infantil disponível na caderneta de saúde da criança durante as consultas de puericultura. Essa preparação é fundamental, pois capacita os profissionais a implementarem intervenções de enfermagem que não apenas auxiliem no desenvolvimento da criança, mas também ofereçam orientações e suporte adequados à família no cuidado do indivíduo com TEA.<sup>22</sup>

Diante disso, é fundamental que desde o início de sua formação, os enfermeiros obtenham conhecimento extenso sobre o transtorno do espectro autista, compreendendo sua origem, sintomas, indicadores iniciais, encaminhamento para especialistas, opções terapêuticas e como lidar com as famílias afetadas. Introduzir disciplinas de saúde mental nos programas de graduação em enfermagem, além de oferecer palestras, cursos e materiais informativos dedicados ao TEA, é imprescindível para assegurar que os profissionais estejam capacitados a identificar e abordar esse transtorno no contexto clínico. A falta de familiaridade com esses aspectos pode resultar em falhas no diagnóstico e tratamento apropriado, sendo de suma importância o treinamento contínuo para reconhecer atrasos no desenvolvimento e transtornos neurológicos, como o autismo.<sup>23</sup>

Portanto, não há dúvidas quanto à relevância da formação contínua em saúde para os enfermeiros. É por meio dela que esses profissionais se capacitam, adquirindo novas competências que os tornam mais eficazes no cuidado das crianças com transtorno do espectro autista. Essa formação contínua não apenas os prepara para lidar com os desafios específicos desses casos, mas também os mantém atualizados sobre as últimas práticas e descobertas na área. Assim, a educação continuada não só contribui para o desenvolvimento profissional dos enfermeiros, mas também para a melhoria da qualidade dos cuidados prestados às crianças com autismo, possibilitando uma intervenção mais precoce e eficaz.<sup>24</sup>

## CONCLUSÃO

Este estudo esclareceu sobre o transtorno do espectro autista e as ações de enfermagem ao paciente com TEA, ressaltando as estratégias de intervenções para esses

pacientes e evidenciando a dificuldade dos enfermeiros ao lidarem com esses pacientes e suas famílias, destacando o impacto gerado neste contexto, salientando a importância da educação continuada para esses profissionais.

O TEA é uma condição de desenvolvimento que afeta as interações sociais e comunicação, classificado em três níveis pela APA. Evidenciou-se que a assistência completa ao paciente com transtorno do espectro autista requer uma abordagem que leve em conta todos os aspectos do seu bem-estar, na qual os enfermeiros desempenham um papel central.

Desde a identificação precoce dos sinais de TEA até a implementação de intervenções, sua contribuição na coordenação de cuidados entre diferentes áreas é fundamental. A detecção precoce feita pelos enfermeiros não apenas permite intervenções mais eficazes, mas também melhora os resultados de saúde das crianças afetadas.

No entanto, percebe-se que os enfermeiros enfrentam desafios devido à falta de treinamento específico nesse campo, o que pode comprometer a qualidade do cuidado. Portanto, é de suma importância que os enfermeiros recebam formação sobre o TEA desde o início de sua educação e que continuem a se atualizar através da educação permanente em saúde. Isso os capacitará para fornecer cuidados eficientes e empáticos às crianças com TEA e suas famílias.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] Evangelho VGO, Costa FDMR, Castro HC, Bello ML, Amorim MR. Autismo no Brasil: uma revisão sobre estudos em neurogenética . Rev Neurocienc [Internet]. 2021; 29:1-20. Disponível em: <<https://periodicos.unifesp.br/index.php/neurociencias/article/view/12440>> Acesso em: 17 Mai 2024.
- [2] Vieira ECC. Caracterização clínica e sociodemográfica de crianças com Transtorno do Espectro Autista: relações entre sintomatologia e níveis de suporte. Repositório Institucional da UFPB. [Internet]. 2022. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/25862>> Acesso em: 17 Mai 20 24.
- [3] Ministério da Saúde (BR). TEA: saiba o que é o Transtorno do Espectro Autista e como o SUS tem dado assistência a pacientes e familiares. Ministério da Saúde. [Internet]. 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/abril/tea-saiba-o-que-e-o-transtorno-do-espectro-autista-e-como-o-sus-tem-dado-assistencia-a-pacientes-e-familiares>> Acesso em 17 Mai 2024.
- [4] Vieira NM, Baldin SR. Diagnóstico e intervenção de indivíduos com transtorno do espectro autista. Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional [internet]. 2017; 10(1). Disponível em: <[https://4tea.com.br/arquivos\\_aulas/material/47a1612f9a0e64c197a95729ff8a9cf1.pdf](https://4tea.com.br/arquivos_aulas/material/47a1612f9a0e64c197a95729ff8a9cf1.pdf)> Acesso em: 13 Mai 2024.

- [5] E Silva CC, Elias LCDS. Instrumentos de Avaliação no Transtorno do Espectro Autista: Uma Revisão Sistemática. *Aval. psicol.* [Internet]. 2020; 19( 2 ): 189-197. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sc\\_i\\_arttext&pid=S1677-04712020000200010&lng=pt.](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sc_i_arttext&pid=S1677-04712020000200010&lng=pt.)> Acesso em 17 Mai 2024.
- [6] Salgado NDM, Pantoja JC, Viana RPF, Pereira RGV. Transtorno do Espectro Autista em Crianças: Uma Revisão Sistemática sobre o Aumento da Incidência e Diagnóstico. *Research, Society and Development.* [Internet]. 2022; v. 11, n. 13. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/35748/30011>> Acesso em 17 Mai 2024.
- [7] Griesi-Oliveira K, Sertié AL. Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético. [Internet]. 2017; 15(2):233-8. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1679-45082017RB4020>> Acesso em: 17 Mai 2024.
- [8] Menezes MZM. O diagnóstico do espectro autista na fase adulta. Repositório Institucional da UFMG. [Internet]. 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/35946/1/O%20DIAGN%C3%93STICO%20DO%20TRANSTORNO%20DO%20ESPECTRO%20AUTISTA%20NA%20FASE%20ADULTA.pdf>> Acesso em 17 Mai 2024.
- [9] Rodrigues MDRC, Queiroz RSA, Camelo MS. Assistência de enfermagem a paciente com transtorno do espectro autista. *Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde – ReBIS* [Internet]. 2021; 3(4):75-9. Disponível em: <<https://revistateste2.rebis.com.br/index.php/revistarebis/article/view/232/179>> Acesso em: 17 Mai 2024.
- [10] De Sousa LMM, Marques-Vieira CM, Severino SSP, Antunes AV. A metodologia da revisão integrativa da literatura em enfermagem. *Revista investigação em enfermagem.* [Internet]. 2017; 17-26. Disponível em: <<https://www.sinaisvitais.pt/images/stories/Rie/RIE21.pdf#page=17>> Acesso em: 17 Mai 2024.
- [11] Dos Anjos, MDF. Ações de enfermagem no acompanhamento de pacientes com transtorno de espectro autista. [Monografia]. Brasília: Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos. [Internet]. 2019. Disponível em: <[https://dspace.uniceplac.edu.br/bitstream/12356789/314/1/Maria\\_Fatima%20Anjos\\_0007142.pdf](https://dspace.uniceplac.edu.br/bitstream/12356789/314/1/Maria_Fatima%20Anjos_0007142.pdf)> Acesso em: 18 Mai 2024.
- [12] Mota MVDS, Mesquita GDC, Da Silva ALA, De Sousa GC. Contribuições da enfermagem na assistência à criança com transtorno do espectro autista: uma revisão da literatura. *Revista Baiana de Saúde Pública.* [Internet]. 2022; v. 46, n. 3. Disponível em: <<https://rbsp.sesab.ba.gov.br/index.php/rbsp/article/view/3746/3133>> Acesso em: 18 Mai 2024.
- [13] Silva TDC, Santos CVP, Naka KS. Assistência de enfermagem à crianças com transtorno do espectro autista. *Estudos Avançados sobre Saúde e Natureza* [Internet]. 2021. Disponível em: <<https://periodicojs.com.br/index.php/easn/article/view/342/328>> Acesso em: 18 Mai 2024.
- [14] Pimenta CGDS, Amorim ACDS. Atenção e Cuidado de Enfermagem às Crianças Portadoras do Transtorno do Espectro Autista e seus Familiares. *Ensaios e Ciência C Biológicas Agrárias e da Saúde.* [Internet]. 2021, v. 25, n. 3. Disponível em: <<https://ensaiociencia.pgsscogna.com.br/ensaiociencia/article/view/8842>> Acesso em: 20 Mai 2024.
- [15] Barbosa DGC, Da Silva LLA, Brandão MLF. Importância da identificação precoce do Transtorno do Espectro Autista (TEA) pelo enfermeiro na consulta de puericultura. *JNT Facit Business and*

Technology Journal. [Internet]. 2023; v.3, n.46. Disponível em: <<https://revistas.faculadefacit.edu.br/index.php/JNT/article/view/2527/1704>> Acesso em 20 Mai 2024.

- [16] Feifer GP, De Souza TB, Mesquita LF, Ferreira ARO, Machado MF. Cuidados de enfermagem a pessoa com transtorno do espectro autista: revisão de literatura. Rev. Uningá [Internet]. 2020; 57(3):60-7. Disponível em: <<https://revista.uninga.br/uninga/article/view/2968>> Acesso em: 18 Mai 2024.
- [17] Santos GF, Ribeiro DR, Neumann ML, Barros BC. Importância das consultas de puericultura no diagnóstico de pacientes com transtorno do espectro autista (TEA). Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro. [Internet]. 2023; v. 6, n. 1. Disponível em: <https://revista.unipacto.com.br/index.php/multidisciplinar/article/view/1368/1326> Acesso em: 19 Mai 2024.
- [18] Oliveira LFM, Araujo MV, Rodrigues GMDM. O enfermeiro frente a assistência da criança autista. Repositório Institucional Scientia 21. [Internet]. 2023; v. 2, n. 2. Disponível em: <<https://revistas.icesp.br/index.php/Real/article/view/5215/2997>> Acesso em 19 Mai 2024.
- [19] Bulhões TMP. Proposta de um plano de cuidados de enfermagem para uma mãe de três filhos com transtorno do espectro autista. RIUFAL [Internet]. 2022. Disponível em <<http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/123456789/9887>> Acesso em: 20 Mai 2024.
- [20] Das Neves THC. Aspectos da assistência do enfermeiro à criança com transtorno do espectro autista. Repositório Institucional do UNILUS. Revista Lusiana [Internet]. 2024; Disponível em: <<http://revista.lusiana.br/index.php/rfcc/article/view/1927>> Acesso em: 19 Mai 2024.
- [21] Oliveira MJA. Assistência de enfermagem à criança do espectro autista: uma revisão de literatura. Trabalho de Conclusão de Curso - Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO). Ceará. [Internet]. 2023. Disponível em: <<https://sis.unileao.edu.br/uploads/3/ENFERMAGEM1/E1861.pdf>> Acesso em 28 Mai 2024.
- [22] Silva SAS, Lopes LTB, Alexandrino EDN, Lima DCDM. Assistência de enfermagem a pacientes com Transtorno do Espectro Autista. Revista Mineira de Ciências da Saúde [Internet]. 2021; n.8. Disponível em: <[https://revistas.unipam.edu.br/index.php/revista\\_saude/article/view/2902/3021](https://revistas.unipam.edu.br/index.php/revista_saude/article/view/2902/3021)> Acesso em: 20 Mai 2024.
- [23] Santos EMDJ, Melo GS, Macario TKAC, Caldeira AG. Percepção dos discentes frente aos problemas encontrados pelo autista e seus familiares na assistência de enfermagem. Revista JRG de Estudos Acadêmicos. [Internet]. 2023; v. 6, n. 13. Disponível em: <<https://www.revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/569>> Acesso em: 23 Mai 2024.
- [24] Carvalho AS, De Sousa MGD, Azevedo FHC. Assistência em enfermagem a crianças com autismo: revisão integrativa de 2017 a 2022. Recima 21 - Revista Científica Multidisciplinar. 2022; v.3, n.6. Disponível em: <<https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/1523/1163>> Acesso em: 22 Mai 2024.